

A INFLUÊNCIA DA CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO PROFESSOR NA METODOLOGIA DE ENSINO UTILIZADA

VICTÓRIA SABBADO MENEZES¹; PAULO ROBERTO QUINTANA RODRIGUES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vi145_sm@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – parquiro@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto tem o intuito de apresentar a pesquisa em andamento que se está realizando na área da Geografia. Esta pesquisa refere-se à monografia obrigatória para a obtenção do título de licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas. O tema central diz respeito à área do Ensino de Geografia, o qual torna-se cada vez mais necessário discutir, uma vez que “o ensino de uma forma geral e especificamente o de geografia passa por profunda crise. O saber ensinado está longe de permitir aos jovens sequer entender o mundo, quanto mais transformá-lo” (OLIVEIRA, 1994, p. 11). Nesse sentido, o ensino de Geografia está em crise, tendo em vista que suas características predominantes atualmente relacionam-se com os pressupostos da Geografia Tradicional, os quais não são suficientes para compreender a realidade. Destarte, esta pesquisa pauta-se, fundamentalmente, nos estudos dos seguintes teóricos: KAERCHER (2003, 2004), FREIRE (2005), MORIN (2008, 2011), VASCONCELLOS (2005).

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a influência das concepções de Educação e de Geografia dos professores de escolas municipais de Pelotas sobre a metodologia que adotam em sua prática pedagógica. Logo, será possível observar as concepções ainda vigentes por educadores e como isso reflete no ensino de Geografia na educação básica. Torna-se fundamental realizar um diagnóstico da situação em que se encontra o ensino de Geografia nas escolas municipais, visto que há muitas discussões acerca desta problemática em escala nacional, ao passo que no município de Pelotas, não há um número significativo de estudos que tratem desta temática. Cabe ressaltar que esta pesquisa não busca generalizações, pois a abrangência do trabalho diz respeito à análise de professores de duas escolas municipais.

2. METODOLOGIA

O objeto desta pesquisa está relacionado às concepções de Geografia e Educação dos professores e a influência destas na metodologia que estes utilizam. Como serão analisadas as concepções dos educadores, estas não podem ser medidas numericamente. Por isso será realizada uma abordagem qualitativa, a qual está associada aos significados, crenças, práticas, atitudes, valores, experiências e representações sociais (MINAYO, 2011). Dessa maneira, o estudo qualitativo não defende o critério numérico como garantia para a sua representatividade. Assim, a população que forma o universo desta pesquisa são professores e alunos da rede pública municipal de Pelotas/RS. A amostra é formada por um total de 6 professores e 5 alunos de cada professor (total de 30 alunos) de duas escolas municipais do município supracitado.

No que concerne às técnicas de pesquisa, estas referem-se aos instrumentos de coletas de dados. Assim, realizou-se um levantamento bibliográfico, ou seja, uma

revisão bibliográfica com a finalidade de fornecer um suporte teórico para esta pesquisa. Como técnica a ser utilizada para a pesquisa de campo, optou-se pela aplicação de questionários abertos. Isto é, questionários compostos por questões dissertativas, subjetivas. É digno de nota que serão aplicados dois questionários diferentes, de modo que um será destinado aos professores e outro respondido pelos alunos. Para o tratamento dos dados qualitativos que serão levantados, será adotado o método de análise do conteúdo. Este método trabalha com a palavra, com o conteúdo do texto elaborado pelo participante da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento realizou uma revisão bibliográfica acerca da problemática central da pesquisa. Os questionários foram elaborados, porém ainda não aplicados à população que se destina. Dessa maneira, os resultados e considerações aqui explicitadas referem-se apenas ao levantamento bibliográfico, tendo em vista que o trabalho de campo não foi realizado. Portanto, será apresentado os resultados e discussão obtidos através da revisão de literatura.

A concepção de Geografia que os professores carregam será refletida na Geografia que ensinam. Isto é, esta concepção dos educadores acerca do que é Geografia, para que e para quem serve exercerá influência sobre a visão de Geografia que os alunos formarão. Da mesma forma, há uma ligação estreita entre a concepção de Geografia e de Educação dos professores. Um docente que visa a formação de um aluno capaz de compreender sua realidade social para que busque a transformação da mesma, não entenderá a Geografia como uma ciência desinteressada, apolítica e puramente descritiva. Por conseguinte, as práticas pedagógicas e metodologias de ensino adotadas pelos educadores partem das concepções de Educação e Geografia que estes compartilham. De acordo com Kaercher (2004, p. 285), “cada concepção epistemológica – seja de Geografia, seja de Educação – leva a uma prática educativa. E todos têm essas concepções”.

Torna-se necessário destacar as concepções de Geografia que os professores podem apresentar, as quais correspondem às linhas teóricas desta ciência, quais sejam: Geografia Tradicional, Geografia Teorético-Quantitativa e Geografia Crítica (MORAES, 1997). Aos professores de Geografia, cabe optar por uma destas linhas teóricas para orientar suas práticas pedagógicas. Sua concepção de Geografia estará relacionada à sua concepção de Educação. No que tange às concepções de Educação, Freire argumenta acerca da educação bancária e educação libertadora. A educação bancária caracteriza-se por depositar conteúdos nos alunos. Estes, por sua vez, devem receber passivamente, memorizar e reproduzir os conteúdos. Não há a possibilidade de estabelecer o diálogo entre professor e alunos, visto que o educador é considerado como o único detentor do saber. Já a educação libertadora parte da perspectiva da transformação social e busca desenvolver a criatividade e criticidade dos educandos. Adota o método dialógico e preocupa-se em desvendar a realidade, concebendo os homens como seres históricos. Destarte, “enquanto a concepção ‘bancária’ dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora reforça a mudança” (FREIRE, 2005, p. 84).

A metodologia adotada pelo professor diz respeito à maneira como será desenvolvido o trabalho para que os objetivos propostos no planejamento sejam alcançados. Logo, as concepções dos educadores implicam na definição de determinadas metodologias. Não basta o docente defender a Geografia Crítica e

uma Educação libertadora se utiliza uma metodologia tradicional, com a ausência do método dialógico, por exemplo. Sendo assim,

A questão do que fazer passa, portanto, antes de mais nada, pela postura do professor (e da escola), pela maneira como o professor entende seu papel social. Não dá para falar em metodologia separada de uma concepção de educação (e de sociedade). (VASCONCELLOS, 2005, p. 39)

4. CONCLUSÕES

Por conseguinte, para que o ensino de Geografia nas escolas tenha o intuito de desenvolver nos alunos o pensamento especulativo, investigativo e crítico, as metodologias de ensino devem ser problematizadoras e questionadoras. No entanto, o que se observa atualmente refere-se ao emprego de metodologias que configuram um ensino mecânico, tradicional e baseado na decoreba. Em geral, os professores são extremamente autoritários, apoiando-se em estratégias de coerção, ameaças e chantagens; ou, por outro lado, consideram-se democráticos e não estabelecem regra alguma, pois pautam-se na perspectiva do “deixar fazer”. Em ambos casos, não se verifica uma aprendizagem significativa que realmente vise a formação de cidadãos participativos. Assim, Kaercher (2004) argumenta que o problema reside no fato de que uma mudança metodológica, isto é, o fazer diferente, implica em uma mudança epistemológica, tanto da visão de Geografia, quanto da visão de Educação/Pedagogia.

Torna-se comum observar que alguns educadores apresentam determinadas concepções que destoam das metodologias que utilizam em sala de aula. Os discursos pedagógicos e geográficos são mais progressistas que as práticas efetivas dos docentes de Geografia. Nota-se uma distância entre o discurso propagado pelos educadores e a prática que realizam. É preciso ressaltar que:

[...] uma coisa é o que nós professores dizemos que fazemos ou dizemos acreditar. Outra coisa, e no geral, bem menos nobre e democrático, é o que fazemos realmente. Mas, como trabalhar para, senão reverter, pelo menos diminuir esta distância entre o dito e o feito? (KAERCHER, 2003, p. 93)

Indubitavelmente, deve-se discutir e elaborar soluções para diminuir a distância que ainda predomina entre o discurso e a prática dos docentes. Para tanto, torna-se fundamental que os cursos de licenciatura em Geografia sejam repensados no que se refere à grade curricular e aos princípios que o embasam. Priorizar a especialização do graduando em uma subárea da Geografia pode impedir que o mesmo apresente uma visão da totalidade quando ministrar suas aulas no ensino básico. Assim sendo, é preciso que a discussão pedagógica também esteja inserida nas disciplinas específicas durante o processo de formação de professores de Geografia. Além disso, descobrir essa contradição entre teoria e prática é essencial para que os professores em exercício mudem sua postura. Por conseguinte, é interessante que estes educadores reflitam constantemente acerca de sua prática e participem de cursos de formação continuada.

Portanto, a formação inicial e continuada dos professores deve prepará-los para lidar com uma realidade complexa, a qual marca a instituição escolar. Dessa maneira, Morin (2008) considera premente uma reforma do ensino, a qual acarreta em uma reforma do pensamento e vice-versa. Estas reformas, por sua vez, exigem uma reforma da universidade a fim de que se considere nossa aptidão para organizar o conhecimento. Nesta mesma linha de considerações, salienta-se que “a educação deve promover a ‘inteligência geral’ apta a referir-se ao complexo, ao

contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (MORIN, 2011, p. 36).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KAERCHER, N. A. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

KAERCHER, N. A. Hércules, Sísifo, Atlas eram professores? Garrafas e muitas dúvidas mais na formação de professores. In: REGO, N.; AIGNER, C.; PIRES, C.; LINDAU, H. (Orgs.) **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Cap. 4, p. 75-103.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1994.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2005.